

CINE UFPEL: SESSÃO SONHAR A REALIDADE, COM O MÁGICO DE OZ (1939)

MARIA CLARA DOS SANTOS SOUZA¹; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA ²

¹Universidade Federal de Pelotas - mariacssouza02@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O *Mágico de Oz* permeia o cinema americano como um de seus filmes mais icônicos. Dirigido por Victor Fleming e lançado em 1939, foi o primeiro a ser realizado em *technicolor*¹ e sua produção é repleta de lendas urbanas.² Mas, para além do sucesso que o longa conquistou, o mundo conheceu Judy Garland, protagonista da obra, que passou a infância nos palcos até ser descoberta por um dos nomes mais poderosos de Hollywood, Louis B. Mayer, o cofundador da MGM.

Com apenas 16 anos, Garland sofreu assédio sexual incessante por parte do elenco e da equipe, bem como foi submetida a uma agenda extremamente exigente. O relato foi descrito por Sid Luft, que foi casado com Judy Garland de 1952 até 1965, autor do livro *Judy e eu: Minha vida com Judy Garland*. Segundo o jornal *The Sun*, que obteve as informações, a atriz contou ao marido tudo que sofreu. Nesses relatos ele também conta que Judy foi sujeitada a uma dieta rigorosa por ser considerada “muito gorda” pelos mesmos executivos que a perseguiam constantemente. Como resultado de sua experiência, Garland tornou-se viciada em barbitúricos e faleceu devido a uma overdose aos 47 anos.

Nesse sentido, o filme foi destaque na sessão *Sonhar a Realidade*³, realizada no Cine UFPel⁴, em 20/03/2023. O evento faz parte da parceria entre o Zero4 Cineclube e o Cine UFPel - sala universitária de cinema, projetos de extensão do curso de Cinema e Audiovisual, coordenados pelo Prof. Dr. Roberto Cotta. O intuito de ambos é fortalecer a formação crítica e de repertório cinematográfico na comunidade pelotense. As exibições acontecem de forma gratuita, seguidas de um debate com o público.

Com o objetivo de levar aos espectadores um cinema diverso, distante do circuito das salas comerciais, a exibição de *O Mágico de Oz* buscou apresentar ao público um fragmento da história do cinema que raramente é discutida acerca do

¹ Technicolor é uma série de processos cinematográficos coloridos, a primeira versão datada de 1916, e seguida por versões melhoradas ao longo de várias décadas.

² Buddy Ebsen foi o primeiro ator que interpretou o homem de lata, mas teve que ser afastado, pois a tinta usada na caracterização do personagem continha alumínio e o ator ficou intoxicado, precisando ser internado. Então, o papel ficou com Jack Haley, que também teve problemas com a tinta e por pouco não ficou cego. A atriz Margaret Hamilton, que interpretava a Bruxa Má do Oeste, sofreu um acidente sério nas gravações da cena em que desaparece. Ela se queimou e precisou ser afastada também por alguns dias. Outros atores também sofreram com os figurinos. Foi o caso de Bert Lahr, que fez o Leão Covarde. Sua roupa era extremamente quente e pesava 90 quilos, sendo feita de pele de leão de verdade.

³ <https://zero4cineclube.wordpress.com/2023/03/08/sonhar-a-realidade/>

⁴ <https://wp.ufpel.edu.br/cinema/cineufpel/>

clássico em questão. Desse modo, destacamos a razão pela qual a história de Garland permanece crucial para a discussão da cultura sexista na indústria cinematográfica, tornando-se um lembrete de que os horrores enfrentados por mulheres no ramo do entretenimento estão presentes desde a sua concepção.

2. METODOLOGIA

A curadoria do Zero4 Cineclube é conduzida mediante um processo colaborativo entre orientador, voluntários e bolsista. Através de reuniões semanais, são decididos os filmes exibidos. A sessão de *O Mágico de Oz* priorizou o alcance popular proporcionado pelo filme.

Os encontros permitiram a seleção e distribuição de tarefas, entre elas a obtenção de filmes para exibição, a divulgação e convite ao público por meio das redes sociais e a divisão dos debatedores para cada sessão. No geral, durante o processo de curadoria, cada integrante sugeriu um filme específico, discutindo a relevância da obra. Após a análise de cada longa-metragem proposto, os curadores escolheram *O Mágico de Oz*, somando-se a outros escolhidos para a programação de março de 2023.

Três dias antes da exibição, a equipe do Cine UFPel realizou uma postagem em sua conta do Instagram com as informações sobre a sessão, tais como a sinopse da obra que seria apresentada e o contexto em que está inserida.⁵

O debate foi ministrado por bolsista e voluntários do Zero4 Cineclube, enquanto a projeção foi feita por um bolsista do Cine UFPel. A discussão pós-sessão trouxe à tona o contexto histórico da época de lançamento do filme, suas influências, inovações e técnicas cinematográficas, assim como a reflexão dos abusos sofridos por Judy Garland e sua repercussão até o presente momento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presença da comunidade pelotense foi marcante no debate, promovendo um elo entre os espectadores, a universidade e as ações extensivas do projeto. Grande parte do público foi composto por estudantes da UFPel e demais moradores de Pelotas interessados na sessão.

A discussão contou com uma participação ativa dos presentes, que enfatizaram, entre outros pontos, os aspectos técnicos inovadores à época: o filme, que tem sua sequência inicial em preto-e-branco, foi um dos primeiros a usar a técnica *technicolor*, para dar cor à narrativa quando a protagonista Dorothy chega ao mundo encantado de Oz.

Foram discutidos também aspectos relativos à época de lançamento do filme, feito três anos após uma grande exposição do surrealismo no Museu de Arte Moderna de Nova York. Nesse sentido, o público traçou um paralelo com a maneira como o enredo se transforma em um sonho multicolorido influenciado pela arte surrealista, sendo um marco da Era de Ouro Hollywoodiana⁶.

Além disso, durante a discussão, foram levantados temas sobre a experiência-pesadelo da personagem de Judy Garland na Terra de Oz e sua

⁵ <https://www.instagram.com/p/CqBc2SNJ4OJ/>

⁶ De acordo com o capítulo *Classicismo japonês e romance hollywoodiano*, do livro "História do cinema", de Mark Cousins, entre as décadas de 1920 e 1960 a Era de Ouro de Hollywood representou o desenvolvimento de técnicas cinematográficas, de grandes estúdios e o surgimento de estrelas conhecidas até hoje, como Judy Garland.

reverberação atualmente: nos relatos do livro anteriormente citado, ao vestir seu figurino, a atriz era apertada pela cintura fina do vestido e mal podia respirar com as faixas que era obrigada a usar para esconder seus seios, a fim de demonstrar uma infantilidade que ela já não possuía mais, por ser uma adolescente. Antes de gravar, lhe davam anfetaminas, para que ficasse disposta durante horas de gravação, além de ter que lidar com frequentes abusos de alguns membros do elenco do filme.

Uma das marcas recorrentes dos filmes da Era de Ouro era, exatamente, uma tensão sexual. [...] A virgindade era requisito suposto e indispensável para as mocinhas. As iniciativas amorosas e sexuais deveriam ficar restritas aos homens, que, então, distinguiriam as garotas boas das “fáceis” (LOURO, Guacira, 2008, p. 83).

Alguns espectadores da sessão do Cine UFPel ainda entrelaçaram essa história com as vítimas do produtor contemporâneo Harvey Weinstein, que contaram sobre a constante misoginia instaurada na indústria e impulsionaram o debate sobre o espaço da mulher no mundo do entretenimento, o que culminou no movimento *mee too*.⁷

Dante disso, a exibição permitiu à equipe do Cine UFPel construir uma leitura a respeito de uma das obras mais importantes da história do cinema mundial, mas também uma das mais controversas. Além de proporcionar uma análise sobre a personagem principal e a repetição de padrões de abuso em Hollywood.

4. CONCLUSÕES

O debate visou refletir sobre o subtexto presente em um filme que, em sua superfície, reflete um mundo de magia e inocência. Assim, tais discussões possibilitam a experiência fílmica como ferramenta de educação, a fim de estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e viabilizar ações concretas de intercâmbio entre cineclubistas e pessoas que enxergam o cinema como uma arte transformadora, promovendo a ampliação do repertório do público sobre diversas questões pertinentes levantadas após a exibição.

Em um cenário no qual o acesso às produções culturais estão cada vez mais elitizadas, o Cine UFPel segue exercendo o papel de incentivador à reflexão acerca da sétima arte. Além de contribuir com a formação dos estudantes de Cinema e Audiovisual da UFPel, o projeto procura estimular a universalização do acesso a obras cinematográficas, assim como o diálogo com toda a comunidade, dando voz àqueles que gostam de se aprofundar no mundo cinematográfico e enxergar novas perspectivas através dele.

A proposta da sessão *Sonhar a Realidade* foi de favorecer a pluralidade e aprofundamento dos pontos de vista, que é cada vez mais necessária para notarmos o quão desigual é o acesso à cultura no país e o quão rico pode ser o encontro com diferentes modelos de produção. Ademais, é pertinente pontuar que a exibição também buscou adentrar na pressão insustentável que a indústria do entretenimento deposita sob a figura feminina que infelizmente, encontra reflexos até os dias de hoje: mulheres que amadurecem sob os olhos do público e lutam para conseguir credibilidade e estabilidade emocional.

⁷ De acordo com a revista *Veja*, o movimento *Me Too*, conta com uma grande variedade de nomes locais e internacionais e é um movimento contra o assédio sexual e a agressão sexual na indústria cinematográfica.

Diante disso, o Cine UFPel permanece com o compromisso educacional de levar a cada vez mais pessoas as experiências das sessões comentadas, a fim de incentivar a reflexão e a discussão de ideias através do cinema e de suas inúmeras interfaces sociais, buscando através de sua curadoria exibir e debater filmes relevantes e passíveis de aprofundamento, aspirando uma aproximação da comunidade local e promovendo sessões gratuitas com discussões coletivas acerca da arte como papel político, histórico e reflexivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBER, Nicholas. **As subversivas mensagens ocultas no clássico filme 'O Mágico de Oz'.** BBC, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-49429787>. Acesso em: 19 de agosto, 2023.

CARNEIRO, Raquel. **Judy Garland, a garotinha de 'O Mágico de Oz' que virou símbolo do MeToo.** Revista Veja, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/em-cartaz/judy-garland-a-garotinha-de-o-magico-de-oz-que-virou-simbolo-do-metoo>. Acesso em 19 de agosto, 2023.

FERRAZ, Vera Helena. **Sexualidade, Gênero e Educação: a subjetivação de mulheres pelo cinema.** Educação & Realidade: v. 31 n. 1 (2006).

LOURO, Guacira. **Dossiê Cinema e Educação.** Rio Grande do Sul. n. 1, p. 83 (2008).

MORIN, Edgar. **As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

The Wizard of Oz. Dir. Victor Fleming. MGM, 1939. Filme.